

ONDE ESTÃO AS MULHERES DO SOM NO CINEMA BRASILEIRO?

Alessandra Martins Toledo ¹

Gabriela Santos Alves ²

RESUMO

Essa pesquisa nasce do desejo de dar visibilidade ao trabalho realizado por mulheres nas equipes de som para cinema e de entender, a partir dos estudos da teoria e crítica feministas contemporâneas, a ocupação dessas mulheres no território técnico e criativo da construção das narrativas sonoras filmicas. Sendo assim, o texto dessa pesquisa é um ponto de partida para o entendimento da representatividade feminina nas equipes de som para cinema no Brasil, apoiada também por outros estudos que buscam discutir a participação feminina no campo das artes e do cinema brasileiro, além de relatórios sobre a participação das mulheres no mercado do cinema e audiovisual.

Palavras-chave: Mulheres, Cinema, Som, Representatividade, Teoria e Crítica Feminista.

INTRODUÇÃO

As equipes que trabalham nas produções audiovisuais, desde o início do cinema, foram formadas majoritariamente por homens. As mulheres tardaram a ocupar esse espaço, assim como outros espaços de trabalho, especialmente nas artes. Essas lacunas representam um atraso na apropriação de linguagens fundamentais para garantir a expressão de uma visão de mundo a partir do feminino.

Linda Nochlin, no ensaio “Why Have There Been No Great Women Artists?”(1971) nos faz refletir sobre as razões pelas quais as mulheres culturalmente foram impelidas a assumir um papel secundário ou amador nas artes:

As coisas como estão, e como foram antes, nas artes e em centenas de outras áreas, são estupidificantes, opressivas e desestimulantes para todos aqueles que, como as mulheres, não tiveram a boa sorte de nascer brancos, preferencialmente, de classe média e, sobretudo, homens. A culpa não é dos astros, dos nossos hormônios, dos nossos ciclos menstruais, dos nossos espaços internos vazios, mas das instituições e da nossa educação (Nochlin, 2017:19).

A partir de políticas afirmativas e das muitas batalhas travadas no dia a dia para que os corpos femininos ganhem mais espaço e tornem a sua existência cada vez mais potente,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo –Ufes, aletoledo.conteudo@gmail.com;

² Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Doutora em Comunicação e Cultura pela Eco/UFRJ. Realizadora audiovisual, gabriela.alves@ufes.br.

alguns campos da sociedade vão ganhando mais representatividade. Mas, muitas áreas ainda são dominadas pelo protagonismo masculino.

De acordo com os dados mais recentes do Anuário do Audiovisual Brasileiro 2023, “a desigualdade entre os sexos na distribuição do emprego no setor audiovisual se acentuou em 2022, com a participação feminina caindo para menos de 40% e atingindo o menor nível desde o início da série histórica”.

O exame das equipes dos longas-metragens brasileiros exibidos no cinema em 2023 mostra que a influência do sexo na função profissional também é forte: 175 filmes foram dirigidos exclusivamente por homens (64,6%), e 64 exclusivamente por mulheres (23,6%); os Roteiros também seguem dominados por homens: 134 contra 49; na Fotografia; a diferença é ainda maior: 188 homens e 37 mulheres. Por outro lado, as mulheres continuam maioria na Direção de arte (80 contra 52) e na Produção executiva (101 contra 69). (Oca, 2022, p. 109)

Os dados da Pesquisa do Observatório do Cinema e do Audiovisual Brasileiro (OCA) é um avanço no entendimento da representatividade feminina no mercado do audiovisual, mas infelizmente eles não mapeiam outras equipes, como a de som, que atua na composição de atmosferas e paisagens fundamentais para a construção da narrativa cinematográfica e faz parte do objeto desta pesquisa. Portanto, se faz urgente documentar quantitativamente essa participação, assim como entender quais são os desafios enfrentados por essas mulheres e a influência das questões de gênero no desenvolvimento do seu ofício.

Reconhecendo as equipes de som para o audiovisual como uma oportunidade de trabalho e de expressão artística e o cinema como meio de comunicação que promove influência na formação cultural e no modo de pensar da sociedade, essa pesquisa buscou a referência de outros estudos sobre a participação das mulheres no cinema e nas artes para entender a ocupação desse território. HOLANDA (2020), fala sobre o papel das instituições em proibir ou estimular a participação das mulheres.

Se formos à história das artes, podemos recuar no tempo e ver que o desestímulo é igualmente evidente: a Academia Imperial de Belas Artes, implantada no Rio de Janeiro, em 1826, e denominada Escola Nacional de Belas Artes (Enba) a partir do advento da República, não aceitava mulheres como alunas antes de 1892. (Holanda, 2020, p. 10)

Quando se volta a esse e outros marcos limitantes do passado, pode-se entender porque as mulheres encontram-se tão pouco representadas nos dias atuais em alguns campos, como o das artes. No livro “Escritos de uma vida”, reconhecemos a urgência da promoção da diversidade:

A valorização da diversidade torna-se para nós, então, um pré-requisito para a reconciliação de todos os seres humanos. O princípio capaz de fazer com que cada

um de nós, com sua diferença, possa se sentir confortável e “em casa neste mundo”, pertencentes que somos à mesma espécie humana. Essa missão civilizatória é talvez o ponto mais importante da agenda das próximas gerações.(Carneiro, 2019, p. 116)
Então, meninas, aceitem esse bastão porque ele lhes oferece a oportunidade de, como guerreiras da luz, travarem o bom combate! Pelas causas mais justas da humanidade.(Carneiro, 2019, p

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os conceitos centrais que perpassam a construção desse texto trazem como base bibliográfica os trabalhos das autoras Dorotea Gomes Grijalva, Linda Nochlin, Sueli Carneiro e Karla Holanda, as quais tratam da realidade da mulher latino americana e da mulher artista, realçando as barreiras enfrentadas na força de trabalho, advindas da desigualdade de gênero e raça, bem como pensam as questões de uma sociedade patriarcal.

Essa pesquisa se inspira nas conceituações de texto de Dorotea em “Meu corpo é um território político” GRIJALVA (2020), que pensa a própria realidade a partir da sua experiência como minoria social, tratando da afirmação de sua resistência. Diante disso, retratar a experiência feminina no mercado de trabalho da arte, cinema e mais especificamente do som, abre foco para pensar a realidade das mulheres artistas e dos impedimentos que sofrem nesse meio, assim como disserta Linda Nochlin em sua clássica pergunta “Por que não houve grandes mulheres artistas?” (2016).

METODOLOGIA

Essa pesquisa, conforme mencionado, é o ponto de partida de uma pesquisa mais ampla que pretende mapear a representatividade feminina nas equipes de som para cinema. Nessa primeira etapa, foi feita a análise das referências bibliográficas que dialogam com a representatividade das mulheres no cinema e nas artes, além de referências da teoria feminista.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os estudos bibliográficos discutem sobre os motivos pelos quais as mulheres não figuram entre os maiores artistas da humanidade e não estão em igualdade de representatividade no mercado audiovisual, conforme sugere Karla Holanda.

Dessa maneira, a questão da igualdade das mulheres, na arte ou em qualquer outro campo, não recai sobre a relativa benevolência ou a má intenção de certos homens, ou sobre a autoconfiança ou “natureza desprezível” de certas mulheres, mas sim na natureza de nossas estruturas institucionais e na visão de realidade que estas impõem sobre os seres humanos que as integram. Como apontou John Stuart Mill há mais de um século: “[...] tudo que é costumeiro parece natural. Sendo a sujeição das mulheres aos homens um costume universal, qualquer desvio desta norma naturalmente parece antinatural.” (Holanda, 2020)

Os dados apresentados pela Agência Nacional de Cinema (Ancine) no ano de 2023 colaboram para a comprovação de um desequilíbrio de gênero no mercado de trabalho de cinema e audiovisual brasileiro e da invisibilidade da representatividade feminina nas equipes de som.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da invisibilidade das mulheres do som, considera-se importante que esse estudo avance para o mapeamento da representatividade feminina nas equipes de som para cinema, a partir de estudos quantitativos, e também conduza entrevistas com profissionais da área para entender os desafios femininos de pertencer a esse espaço/território e exercer a criação de sua estética sonora.

O próximo passo a ser dado, em termos metodológicos, após essa primeira etapa, é a continuidade da pesquisa por meio da revisão completa da bibliografia e do mapeamento quantitativo das mulheres do som, seguido de entrevistas com profissionais que atuam nessa área na atualidade. O mapeamento pretende utilizar os mesmos parâmetros do estudo de gênero e raça do setor audiovisual produzido pela Agência Nacional de Cinema do Governo Federal (Ancine), em 2023, por meio do Observatório Brasileiro do Cinema e Audiovisual (OCA).

Após a pesquisa quantitativa, serão entrevistadas cerca de 20 mulheres para a Pesquisa qualitativa, que se dará por meio de questionário semiestruturado. A escolha dessas mulheres será por amostra não probabilísticas e o ideal é que elas representem todas as regiões do Brasil. O objetivo é entender a realidade das mulheres do mercado de trabalho cinematográfico, especificamente na função de técnicas de som. O resultado das entrevistas será compilado e, com o apoio da Bibliografia, serão conduzidas as conclusões.

Esse procedimento metodológico se justifica pela necessidade de entender a realidade nesse campo produtivo e criativo, a partir da falta não só de dados coletados por essa

pesquisa, mas também pela falta de visibilidade do trabalho realizado por mulheres nas equipes de som para cinema.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Raysa Calegari. **Realizadoras Capixabas: O cinema de mulheres no Espírito Santo em três gerações**. Orientadora: Gabriela Santos Alves. Dissertação (mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Vitória, 2021. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_15484_Raysa%20Calegari%20Aguiar%20%5BVers%20E3o%20sem%20revistas%20-%20Completa%5D.pdf>: 10 de nov. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.

GRIJALVA, Dorotea Gómez. **Meu corpo é um território político**. Guatemala: Zazie Edições, 2020. Disponível em: <<https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/GOMEZGRIJALVA-5.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2024.

HOLANDA, Karla. **Por que não existiram grandes cineastas mulheres no Brasil?***. Cadernos Pagu, n. 60, p. e206006, 2020.

NOCHLIN, Linda. **“Por que não houve grandes mulheres artistas?”**. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

OCA. **Anuário Estático do Audiovisual Brasileiro 2023**. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual - OCA, 2024. Disponível em <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/anuario-estatistico-2023.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2024.

OPOLSKI, Debora. **O som do filme: uma introdução**. 1. ed. Curitiba (PR): Editora da UFPR/Editora da UFPE, 2018.